

O modelo homérico de obstinação nos retratos de Alexandre em Plutarco e Arriano

Rita Rocha
Graduação – USP
Orientador: Prof. Doutor Breno Battistin Sebastiani (USP)

INTRODUÇÃO

Se contabilizássemos todos os estudos feitos, até os dias de hoje, sobre as duas figuras contempladas por este trabalho, levaríamos anos para compilar todas. Apesar de comparações espalhadas por tantos trabalhos, não se tem notícia de um trabalho específico sobre a obstinação, nem de um nem de outro.

O que este trabalho anseia apresentar é exatamente essa comparação, além do início de um estudo aprofundado dos casos específicos da obstinação, tanto de Aquiles quanto de Alexandre. Além disso, pretendemos estabelecer novos parâmetros de estudo, ampliando os horizontes de pesquisa e abrindo novas portas, a fim de apontar novos contornos para futuras análises de duas das figuras mais importantes da Literatura Grega, Aquiles e Alexandre Magno.

O Aquiles que iremos contemplar neste trabalho será aquele que surge a partir do momento em que Agamêmnon decide tirar Briseida do herói e os dois se envolvem numa discussão que resulta na saída do Pelida da guerra para suas tendas, por causa das palavras insensatas do rei, que envia uma embaixada até o herói, com uma lista indenizatória, que não é aceita, já que Aquiles prefere persistir no seu desejo de vingança, garantido por Zeus.

Até o Canto XIX, quando o herói recebe a notícia da morte de seu *phílos*, Pátroclo, a *mênis* de Aquiles tem um único destinatário: Agamêmnon. Após ouvir tal notícia, sua *mênis* reverte-se totalmente para um novo alvo, por um novo

motivo: Heitor acabara de matar a contraparte essencial de Aquiles – Pátroclo, o Menecida.

A imagem de Alexandre presente neste estudo é a que temos, de maneira específica, em Plutarco, 62 e 72 e Arriano, VII, 11 e 14.

Em Arriano, temos que Alexandre “entrou para o palácio, não cuidou do corpo e não foi visto pelos Companheiros, nem no dia seguinte.” (VII, 11). “Mas no terceiro dia (...), correndo para o palácio, [os Companheiros] lançaram as próprias armas frente às portas, suplicando ao rei. Ficaram gritando frente às portas, implorando para entrar (...) [e] não se separaram da porta nem de dia nem de noite até que deles tivesse pena Alexandre” que, “vendo-os de maneira submissa e ouvindo a lamentação e os gritos de todos, cai, também, em prantos” (VII, 11).

O principal ponto de comparação entre esta cena e a *Ilíada* é o Canto I, onde Aquiles, contrariado pelo rei Agamêmnon, retira-se da batalha (I, 306-7); e o Canto IX, quando o herói recebe a Embaixada composta por Odisseu, Ájax e Fênix, que suplicam por sua volta (IX, 228-31; 300-3; 496).

O relato da morte de Heféstion por Arriano e Plutarco é menos enfático na descrição das emoções do que o relato da morte de Pátroclo por Homero, apesar de ambos demonstrarem a profunda dor do general. Arriano, mais do que Plutarco, detalha o sentimento e as reações de Alexandre à notícia. O autor nos diz que Alexandre interrompe as festas que realizava em Ecbátana e que sua dor é muito grande. Segundo ele, Alexandre “emula Aquiles, o qual ambicionava [ser] desde a infância” (VII, 14,4) e (...) “depois de alguns dias de dor e lamentação, parte para uma expedição” (VII, 15).

Apesar de o relato ser menos enfático que o de Homero, ele é o que mais explicita o fato da morte de Heféstion, dentre todos os autores que tratam de Alexandre. Acreditamos que Arriano quis demonstrar a profunda dor de Alexandre pela morte de seu *philos*, comparando as personagens históricas a Aquiles e Pátroclo.

Tendo em vista esses dois retratos de Alexandre e o comportamento de Aquiles nos Cantos I, IX, XVIII, XIX é que este trabalho se pretende realizar,

reconstruindo o paradigma homérico que foi seguido por Plutarco e Arriano para a construção da imagem de Alexandre Magno.

1. A OBSTINAÇÃO DE AQUILES

Vemos no Canto IX da *Ilíada* a cena principal de Aquiles afastado da guerra, dominado pela *mênis* causada pelas palavras insensatas proferidas pelo rei Agamêmnon, no Canto I. Por causa disso, o “melhor dos aqueus” (*Ilíada*, I, 412 etc.) está em retiro, junto às naus, afastado do que mais gosta e sabe fazer: lutar. E é através de palavras que o rei tentará reparar seu erro, enviando uma Embaixada até a cabana do herói, com uma lista de muitos bens como indenização.

A Embaixada não é composta aleatoriamente, mas formada por Fênix – que foi tutor de Aquiles e recorre às lembranças da infância em Ftia –, por Odisseu – o *polýmethis*, que tem o dom das palavras e da persuasão – e por Ájax, guerreiro grego que representa os companheiros de Aquiles na guerra e, assim como o Pelida, é dotado de excelência guerreira.

Aquiles não aceita a indenização proposta por Agamêmnon, preferindo perseverar em seu desejo de vingança – garantido por Zeus – e ver os gregos serem massacrados pelos troianos a passar por cima de seu orgulho ferido e voltar à batalha para ajudar os gregos.

O herói continuará afastado e irreduzível, sendo corroído pela *mênis* e no Canto XVI receberá a notícia da morte de Pátroclo. Nesse exato instante, sua *mênis* tem um novo destinatário e um novo motivo: Heitor acaba de matar seu *phílos*. Aquiles continua afastado, até o Canto XVIII, quando decide declaradamente renunciar à *mênis* contra Agamêmnon e revertê-la (ou substituí-la) pela *mênis* contra Heitor.

André Malta afirma que o Canto XVIII “é fundamental na estrutura dramática da *Ilíada*, porque é aquele que traz Aquiles de volta, definitivamente, à cena principal do poema: é onde precisamente se estabelece sua nova cólera, dirigida

agora contra Heitor, em substituição à dirigida ao senhor de homens Agamenon, que será abandonada, em público, no Canto XIX” (2006, p. 241).

Segundo Gregory Nagy (1991, p. 28), Heitor se tornará parte de uma história épica que glorificará as ações de Aquiles. O herói troiano se torna parte de um *kléos* (*Ilíada*, VII, 91), mas este *kléos* pertencerá ao vencedor: Aquiles.

Quando Aquiles volta para a batalha para matar Heitor, ele finalmente estabelece seu lugar na guerra pela ação positiva de combater. Sua ação negativa de se retirar serviu para mostrar que só ele salvaria os aqueus. Como um substituto, Pátroclo antecipa o destino épico de Aquiles, que era salvar os aqueus e ser morto por uma intervenção de Apolo.

1.1. *askeléos e phílos*

É necessário o estudo e a análise de alguns termos importantes do texto em grego, considerados de certa dificuldade de versão para um só termo específico e abrangente.

Entre tais termos está o advérbio *askeléös*, traduzido por Haroldo de Campos por “obstinadamente”, nos versos 67-8 do Canto XIX. Semanticamente, essa palavra significa sem pernas, ou seja, de modo a não poder sair do lugar, por extensão, obrigar-se ou ser obrigado a ficar, e é definida, nos dicionários *Bailly* e *Liddell-Scott*, por “obstinado”. Chantraine diz que, junto a *áthymos*, significa “sem força” e que, no contexto do Canto XIX, junto a *aíeí*, toma o sentido de “obstinado”.

Também se faz necessário que se apresente uma tentativa de definir *phílos*, conceito de extrema importância no contexto da *Ilíada* e deste trabalho como um todo.

Segundo David Konstan, em “*A amizade no mundo Clássico*”, *phílos* é um substantivo utilizado para referência a pessoas que se associavam voluntariamente com base na afeição mútua. Mas na linguagem homérica, este termo não se aplica

¹ KONSTAN, D. *A amizade no Mundo Clássico*. Trad. de Márcia Epstein Finker. São Paulo: Odyseus, 2005.

para uma referência específica a amigos, sentido adquirido no período clássico. O dicionário francês *Bailly* e o léxico inglês *Liddell-Scott* definem o termo como “amigo”, “amado” ou “querido”. Assim como Konstan, os dicionários também mostram que esta definição funciona melhor no caso da linguagem homérica.

1.2. Tradução do termo *mênis*

Joachim Latacz (2001) diz que a freqüente tradução do termo *mênis* por “ira” não é abrangente o bastante, pois não estamos lidando com uma emoção inesperada, repentina, um “acesso de raiva”, mas sim com algo duradouro, amargo, um tumor de hostilidade por causa de um insulto, ou seja, a conseqüência de uma raiva suprimida (2001, p. 71).

Mênis é uma palavra vertida pelos principais léxicos por “ira” ou “cólera durável”. O inglês Liddell-Scott define *mênis* como “cólera, ira dos deuses”. O francês Bailly também atribui entrada parecida para a palavra.

Outra abordagem interessante é a de Calvert Watkins, em seu artigo sobre a *mênis*, publicado no “*Boletim da Sociedade Lingüística de Paris*”, em 1972. Segundo ele, esta é uma palavra que carrega em si a noção sacra de uma cólera vingativa imanente. Na *Ilíada*, das doze aparições do substantivo *mênis*, quatro são relacionadas a Aquiles, comprovando a definição de Chantraine. Watkins aponta ainda que em todo o *corpus* hexamétrico grego arcaico, tal palavra só aparece dezoito vezes ao todo.

Odorico Mendes, em notas à sua edição da *Ilíada*, aponta que “*mênis* é uma ira tenaz, não passageira; o nosso termo desacompanhado não o verte cabalmente” (2008, “Notas”, p.874), reforçando a visão dada por Pierre Chantraine, no *Dicionário Etimológico da Língua Grega*, que define a palavra como “cólera durável, justificada por um desejo de vingança legítima, atribuído aos deuses e aos heróis, particularmente a Aquiles na *Ilíada*” (1968-1980, p.696).

Não se pode negar que Aquiles é extremamente persistente em suas idéias e resoluções e que sua cólera é durável. Temos um claro exemplo da duratividade de

sua “cólera imanente” no Canto XVIII, quando Aquiles diz que não viverá nem estará entre os homens enquanto não se vingar de Heitor pela morte de Pátroclo, nos versos 90-94:

*O ânimo não me permite viver nem estar entre os homens
Se primeiro não destruir arrancando o ânimo de Heitor golpeado sob
Minha lança, e o punir como vítima
Por Pátroclo Menecida.*

Num primeiro momento, Aquiles não volta à batalha enquanto não tem sua vingança contra Agamêmnon, que “não honrou o melhor dos aqueus”, conforme o próprio herói diz em I, 412:

Àquele que é o melhor entre os aqueus não honrou

A partir de então, tal revanche é a ruína para os gregos. Depois de conseguir a vingança contra Agamêmnon, garantida por Zeus, Aquiles renuncia à ira contra o rei e reverte-a totalmente para Heitor, que matou seu *phílos*, Pátroclo, e não renuncia novamente (e totalmente) antes de ultrajar o cadáver de seu grande inimigo, como pudemos ver nos versos 90-4 do Canto XVIII.

1.3. Alter-egos, contrapartes e afins

Uma figura muito ligada a Aquiles, na *Ilíada*, apesar de declarado inimigo, é Apolo. Robert Rabel (1990) afirma que Apolo é o modelo da *mênis* de Aquiles. Segundo ele, a figura do herói é uma emulação do deus no Canto I, pois vários fatos que ocorrem nesse Canto, principalmente a súplica e a ira, também são vistos, por exemplo, no Canto XXIV.

O autor aponta que ambos são inimigos implacáveis, referindo-se à cena da luta entre Aquiles e Heitor, onde Atena fica ao lado do grego e Apolo ao lado do

troiano. Além disso, aponta que a ira de Aquiles é derivada daquela de Apolo, pois uma é referida após a outra, como vemos durante todo o Canto I. O início da *mênis* de Aquiles é justaposto à conclusão daquela do deus. Apolo e Aquiles exercitam o poder da ira divina, dirigida ao mesmo objeto (Agamêmnon), pela mesma causa (o rapto de uma mulher).

Joachim Latacz também aponta a intervenção de Apolo como algo que impele, interna e externamente, as causas que o levam ao conflito com Aquiles (2001, p. 93). A conexão com o divino se dá da seguinte maneira: assim como Crises, Aquiles vai andar ao longo da praia e pedir a um deus vingança contra os aqueus. Nos dois casos, a pessoa responsável é Agamêmnon (2001, p.93).

Segundo o autor, o que torna a idéia da *mênis* plausível é a idéia de Aquiles não ter reagido espontaneamente, reprimindo sua espada e a ele mesmo. O insulto foi muito grande e o insultado não pode perdoar-se por ter engolido tamanhas ofensas, ainda mais em se tratando de Aquiles. O fato de Aquiles não matar Agamêmnon é só por obediência a uma força divina: Atena (2001, p.99-100). A consequência é terrível, pois a *mênis* de Aquiles contra Agamêmnon atinge um ponto maior: a guerra (2001, p.102).

Aquiles não é só fisicamente maior que o rei; ele compreende, enquanto Agamêmnon somente pensa em seus próprios interesses. Ainda assim, Aquiles não poderia matar Agamêmnon. Se o fizesse, apesar de ter obtido sua vingança mais rapidamente, ele não teria satisfação. Agamêmnon deve perceber que está errado e que Aquiles é indispensável para a expedição (Latacz, 2001, p.103). Mas, para que Agamêmnon se dê conta de seu grande erro, muitos Aqueus devem morrer.

Segundo Gregory Nagy (1991, p.142), cronologicamente, dentro da *Ilíada*, Apolo tem *mênis* pelo problema de Crises antes de Aquiles tê-la pelo rapto de Briseida. Podemos dizer, então, que os aqueus sentem *álgea* por causa de Apolo antes de sentirem por causa de Aquiles. O autor ainda afirma que a palavra *álgea*, na linguagem iliádica, pode denotar dois tipos de sofrimentos para os aqueus: 1) a praga resultante de *mênis* de Apolo e 2) a situação, na batalha, resultante da *mênis* de Aquiles.

Examinando a palavra *loígon* nos versos 97 e 456 do Canto I, o autor nos mostra que ela só ocorre em combinação com o verbo *amúnō*. E, no contexto dessas combinações, chega-se à conclusão de que a situação militar resultante da *mênis* de Aquiles pede pela mesma solução, do ponto de vista da narrativa, que a praga resultante da *mênis* de Apolo (1991, p.142).

No capítulo “The Death of Hektor”, Nagy discute as mortes de Pátroclo, Heitor e, por conseqüência, a de Aquiles. Conforme já apontamos em 1.2, Nagy mostra que Apolo, a despeito de inimigo declarado de Aquiles, é seu modelo. Além disso, o deus é protetor declarado de Heitor, enquanto Atena é a protetora do aqueu. Como já foi dito, há diversas semelhanças entre Apolo e Aquiles. Para Walter Burkert (*apud* Nagy, 1991, p.143), o herói é um “sósia” de Apolo. Para Nagy, “eles se espelham, formal e tematicamente, na dimensão ritual” (1991, p.143).

No mesmo capítulo, Gregory Nagy aponta que Pátroclo é o substituto de Aquiles. A mesma afirmação é vista em Swain (1988) e em Malta (2006), mas com o aditivo de inserir, na comparação, uma ligação com a história que Fênix conta a Aquiles, em IX, 524-99. Segundo Swain, há muitas coincidências contextuais gerais; mas, na situação particular do poema, a saída da guerra, motivada pela *mênis*, a intervenção da mãe e o retorno após uma tragédia, são as principais coincidências que ligam Aquiles a Meleagro.

De acordo com Malta, o efeito metalingüístico é utilizado para que Meleagro sirva de exemplo a Aquiles, e “a identificação de Fênix com a figura do narrador, com a palavra narrativa da Musa, confere à sua fala, reforçando-a, um grau de superior verdade” e “não espanta que a narrativa sobre Meleagro (...) descortine os (...) eventos futuros” (2006, p.182).

Ainda tratando da história de Meleagro, Swain e Malta nos mostram uma interessante “coincidência” entre os nomes de Pátroclo, *phílos* de Aquiles, e Cleópatra, mulher de Meleagro – um é o oposto do outro: *Kleo-pátrē* (“glória ancestral”) e *Pátro-klos* (“ancestral glória”, com o adjetivo em posição atributiva), reforçando ainda mais o paralelo entre os dois heróis. Segundo Malta, “Meleagro cederá aos apelos de Cleópatra, a mais cara, assim como Aquiles cederá sim aos

apelos de Pátroclo, o mais caro” (Malta, 2006, p.187). O autor ainda afirma que é deste modo que ambos garantem glórias para os heróis.

Assim como Apolo e Heitor, Pátroclo também tem ligação com Aquiles, no sentido de ser seu substituto provisório. Sua morte é como que uma prévia do que está por acontecer ao herói – a morte pelas mãos de Apolo. Sem dar ouvidos às instruções de Aquiles quando sai para lutar vestido com o arnés do herói, Pátroclo, talvez estimulado pelo sucesso de sua empreitada, decide atacar Heitor.

Vemos, no Canto XVI, as cenas posteriores à autorização de Aquiles para que Pátroclo fosse lutar em seu lugar, e a reação dos troianos perante a imagem aterrorizante:

*Tendo visto corpulento filho de Menécio,
ele e o auriga, com as armas coruscantes,
o ânimo tumultuado, a fálange impulsiva,
porque esperavam que o Pelida pés-velozes
renunciara à ira e unira-se aos amigos.*

(Ilíada, XVI, 278-82)

Adiante, vemos o êxito de Pátroclo na batalha, que avança contra os troianos. Mas Pátroclo faz o que não deveria fazer: deixa de seguir os conselhos dados por Aquiles antes de avançar contra os inimigos, para voltar assim que afastasse os troianos dos navios aqueus:

Depois de tê-los expulsado das naus, retorna.

(Ilíada, XVI, 87)

Mas Pátroclo se esquece dos conselhos de Aquiles e avança contra Heitor. Heitor, que é protegido por Apolo. Heitor, que é o melhor dos troianos. O aqueu é atingido, traiçoeiramente, por Apolo, que o desarma, fazendo com que ele não

tenha chance alguma de se defender. É o destino de Pátroclo, que foi decidido por Zeus no momento da oração de Aquiles:

Disso, uma parte lhe concedeu o pai, e negou a outra.

(Ilíada, XVI, 250)

Justamente o que lhe foi negado foi o retorno incólume às naus. Pátroclo morre às mãos de Heitor. Assim como acontecerá com Aquiles, o Menecida morre indiretamente pelas mãos divinas de Apolo.

André Malta chama a atenção para o desarmamento do herói pelo deus e para a cegueira vivenciada por ele. Segundo o autor, a *átē* tem um efeito físico, e não mental, como seria esperado. A cegueira provocada por Apolo é ilustrada pela névoa e “a perdição, que imaginávamos como um fato psicológico, como “noturna” e “cega”, surge aqui de modo concreto, como numa pintura” (2006, p. 236).

O autor continua, dizendo que o desarmamento é uma referência à perda da proteção dos deuses, já que as armas de Aquiles eram, de fato, diferenciadas, divinas. A conclusão de Malta é a de que esse quadro é central no poema, já que caracteriza e resume a ação da *átē*: “o herói, julgando-se divino, pratica sua ação soberba, mas acaba facilmente detido pelo deus, que obscurece sua vista e o despe dessa vestimenta de imortalidade, mostrando-lhe a ruína que o aguarda” (2006, p. 237).

Consideramos, como já dito anteriormente, e também como já foi apontado por outros autores, como Nagy, Swain e o próprio Malta, que Pátroclo é a duplicata de Aquiles. E que sua morte é como que uma prévia da morte do Pelida. Malta, entretanto, vai mais além, aprofundando o estudo e estabelecendo uma ligação muito interessante com a história de Meleagro, contada por Fênix no Canto IX: Meleagro mata um javali; a morte de Pátroclo é comparada à morte de um porco selvagem, como vemos em:

Como um leão vence na luta incansável um javali

(*Iliada*, IX, 823)

Para Malta, o símile tem ligação à história do Canto IX. Podemos ver no esquema abaixo a comparação feita entre Pátroclo e o javali:

1) Aquiles = Meleagro 2) Meleagro mata o javali \Rightarrow Aquiles mata o javali \Rightarrow Aquiles “mata” Pátroclo
--

Desse modo, a obstinação de Aquiles, portanto, o faz sacrificar seu duplo, seu próprio companheiro. Heitor, como contraparte de Aquiles, pode ser confundido com ele neste momento, “não só por provocar a morte de Pátroclo, mas também pela soberba e selvageria com que querera tratar o cadáver do adversário morto (v. 830-842)” (Malta, 2006, p. 237). Ainda no sentido de fusão entre as três personagens, podemos pensar nas armas de Aquiles, que também são vestidas pelos três, ampliando ainda mais a gama de ligações entre as personagens.

A *mênis* de Aquiles

Cotejando as análises de Latacz (2001) e Nagy (1991), vemos que a tradução de *mênis* por “ira” não é suficiente, mas que o termo também não pode ser vertido somente por “obstinação”. Para ilustrar essa afirmação, trazemos à luz o final do Canto I, entre os versos 488-92:

*Mas com a ira o corroendo, junto às velozes naus permanecia
o filho do divino Peleu, Aquiles de pés velozes.
Nem freqüentava a ágora que rende glórias
nem ia para a guerra, mas ali permanecia,*

a consumir o coração, lamentando-se pelo combate.

Essa “*ira que o [estava] corroendo*” não pode ser tratada simplesmente por “ira”. Seguindo a teoria de Latacz, a *mênis*, nesse contexto específico, pode ser tratada como algo durativo, que nos faz pensar, por inferência do contexto em que se insere o herói, em alguém persistente e que tem apego forte e excessivo às próprias idéias, resoluções e empreendimentos.

Segundo o autor, “não estamos lidando com uma emoção repentina, um ‘acesso de raiva’, mas com um sentimento duradouro, supurante, uma hostilidade angustiante, amargurada, o efeito de uma cólera suprimida” (2001, p. 71)

Não podemos, portanto, tratar a *mênis* aquilética como algo simples. Como mostramos, ela é derivada (também cronologicamente) de outra, a de Apolo, que também não é simplesmente um acesso de raiva.

A visão defendida por Gregory Nagy é convergente à que apresentamos. O autor nos mostra que duas das palavras que se referem ao termo *mênis*, no caso do Canto I: *álgea* e *loígos*, só podem ser utilizadas para denotar algo especificamente referido a Apolo ou a Aquiles (1991, p. 142).

Por seu lado, o Canto XVIII apresenta a *mênis* direcionada a uma personagem diferente de seu objeto primeiro, visto no Canto I: Heitor. No Canto XVIII, somente Aquiles tem tal sentimento pelo herói troiano, enquanto o deus Apolo protege Heitor.

Finalmente, podemos dizer que a versão da palavra *mênis* é totalmente dependente do contexto no qual está inserido. Em adição, acreditamos que ela não pode ser vertida somente por “ira”, pois tal palavra não abrange totalmente o sentido que temos em grego. Por isso, defendemos que *mênis*, dependendo do contexto, deve ser traduzida por dois ou mais termos, que levem à inferência de um sentimento de caráter duradouro, como vemos, por exemplo, em: I, 1-2; I, 488-92; II, 684-89; II, 768-9; IX, 157; IX, 426 etc.

Pudemos ver tal afirmação exemplificada no caso dos versos 488-92 do Canto I, onde temos a cena clara de alguém obstinado, que, mesmo ansiando pelo combate e lamentando por não estar dentro dele, persiste excessivamente em suas idéias, resoluções e empreendimentos.

2. OS RETRATOS DE ALEXANDRE EM PLUTARCO E ARRIANO

Para falarmos do retrato de Alexandre, em qualquer um dos dois autores, precisamos entender como esta representação chegou até nós. A figura que temos do general nos foi transmitida, principalmente, através de relatos de caráter biográfico – como o de Plutarco – e histórico, como o de Arriano, além de outros, como o de Aristóbulo – que viveu à época de Alexandre e acompanhava seu exército – e de Ptolomeu; sendo os dois últimos as principais fontes de Arriano.

No capítulo das *Vidas* em que trata das vidas de Alexandre e César, Plutarco apresenta sua teoria de biografia. Segundo Hammond (1993), Plutarco sabia que essas duas vidas atrairiam mais interesse e críticas do que um relato sobre quaisquer outras vidas. Como vemos em I, no prefácio à biografia de Alexandre e de César, Plutarco declara que “não escreve histórias, mas biografias”.

Além disso, diz que não pretendia escrever histórias, mas explorar a influência do caráter sobre as vidas e os destinos de homens cuja fama atravessou gerações. Segundo o autor, não é possível demonstrar todas as virtudes e vícios mas que uma frase ou um evento é capaz de demonstrar o caráter de uma pessoa melhor do que seus feitos em combates com inúmeros mortos e vitórias:

Também não é possível a demonstração de todas as virtudes e vícios, nos feitos mais ilustres. Contudo, frequentemente um evento breve, e uma frase, e um ensinamento, compõe caracteres com mais ênfase do que combates prolongados e

com inúmeros mortos, que são ingentes, e cercos de cidades. Tal qual os pintores capturam por meio da feição e do aspecto externo nos quais o caráter reflete, Poucas vezes preocupando-se com as partes restantes, assim nós devemos dar os gestos da alma, mais do que aprofundar-nos; E através dessas coisas dar forma a cada vida, deixando para outros a grandeza e os certames.

De acordo com Hammond, “o que Plutarco não diz mas pode ter esperado que seus leitores inferissem dessa introdução é que ele trataria suas evidências não com a exatidão de um historiador mas com o amor de um biógrafo pelas anedotas tradicionais” (1993, p. 5).

Uma importante característica que diferencia os relatos de Plutarco e de Arriano é o tipo de descrição narrativa. Em Plutarco não temos as descrições que temos em Arriano, sobre as táticas militares do exército macedônio.

Arriano narra as minúcias das batalhas, tornando seu relato denso ao mostrar a organização do exército, a maneira como era feito o ataque, e poderíamos dizer, se sua obra não fosse um relato feito de maneira a mostrar a grandeza de Alexandre, seria um verdadeiro manual sobre a tática militar macedônia.

Plutarco, por sua vez, não está interessado especificamente na carreira de Alexandre, mas em seus atos que, conforme diz no Prefácio a esta biografia, “compõe com mais ênfase caracteres do que combates prolongados e com inúmeros mortos”.

2.1. A influência homérica

A influência homérica, objeto deste trabalho, apesar de existir nos dois autores, é mais evidente em Arriano do que em Plutarco. Tanto quanto Alexandre se identifica com Aquiles, Arriano se identifica com Homero. O historiador chega a se propor a ser o Homero de Alexandre, e diz, em I, 12, que é por Alexandre ainda não ter um arauto de suas memórias é que ele resolveu escrever sua história:

E então, como dizem, Alexandre ficou feliz por Aquiles, que calhou de ter Homero como arauto de suas memórias. E, entretanto, Aquiles não deveria ser considerado menos feliz por Alexandre, pois ele mesmo, sendo bem-sucedido em outras coisas, há um grande vazio deixado aqui, e a bravura de Alexandre nunca foi dignamente contada; ninguém fez, em prosa ou o cantando em versos; (...) E isto, eu digo, é o motivo pelo qual eu levei adiante a escrita desta história, não me julgando indigno de mostrar à humanidade os feitos de Alexandre.

Assim como Aquiles, Alexandre é movido pelo *thymós*, que, segundo Mossman, é “fonte de grandes realizações, mas também de grandes desastres” (1988, p.85). O autor afirma ainda que Plutarco “utiliza tons épicos para narrar os grandes feitos de Alexandre” (1988, p.85), já que a epopéia, segundo Aristóteles, imitou homens superiores.

2.2. A representação de Alexandre em Plutarco e Arriano

A representação de Alexandre por Plutarco é feita de maneira a demonstrar seu caráter através de feitos que, em certos pontos, são narrados de maneira não-linear. Entretanto, a preocupação do autor não é a linearidade nem a continuidade dos fatos que demonstrem Alexandre como um grande rei e general, mas demonstrar, através de sua narrativa, o caráter do comandante.

Em sua Introdução, ele aponta que não se compromete a recordar todos os grandes feitos. Sua preocupação principal é demonstrar, através de sua narrativa, o caráter do comandante. Ao contrário de Arriano, Plutarco não quer criar e/ou reiterar a imagem grandiosa construída por outros autores, como Aristóbulo e Ptolomeu, fontes declaradas de Arriano, de um general excepcional. O que Plutarco quer mostrar não é só a imagem de um comandante perfeito, mas principalmente mostrar e apontar vícios e virtudes, inclusive nos feitos mais ilustres.

Segundo Hammond (1993), Plutarco coloca ao leitor, em seu relato, muitas características de Alexandre conforme ele as vê. E o autor não esconde que é isso que vai fazer: os grandes eventos são narrados sucintamente ou não são narrados.

Em seu prefácio, Arriano identifica suas fontes como sendo Aristóbulo e Ptolomeu. Ambos são citados somente em casos isolados (individualmente); ou, quando juntos, para que Arriano concorde ou discorde de algum fato apontado por eles. Indicações mais definidas são vistas nas partes onde um ou outro faz alguma referência à fonte.

Diferentemente do que vemos em Plutarco, na *Anábase*, Arriano narra todos os eventos da carreira de Alexandre, para construir seu caráter como general, e não mostrar seu caráter pessoal, como faz o biógrafo.

Além disso, Arriano, seguindo topologia típica dos historiadores de Alexandre, não se furta a repetir a tendência de encarar a história do general pelo prisma religioso. O autor chega a afirmar, em III, 3, que Alexandre só alcançou muitos dos seus feitos porque teve alguma ajuda divina – tinha parte em algo divino. Para tanto, Arriano cita trechos dos textos de Aristóbulo e Ptolomeu, direcionando a interpretação de seus leitores:

Aristóbulo aceita, conforme a voz corrente, que dois corvos, voando diante do exército, se tornaram guias para Alexandre, e sustento que ele tinha participação no divino. Também assim é verossímil, entretanto os que escreveram sobre ele privaram a história de exatidão.

No parágrafo final de sua obra, o autor chega a afirmar que ele próprio acredita que Alexandre não teria nascido sem a ação divina:

Eu mesmo acredito que não havia naquele tempo nenhuma raça humana, cidade ou pessoa que o nome de Alexandre não tenha alcançado. E também não consigo supor que um homem bem melhor que todos os outros tenha nascido sem influência divina.

Segundo Steele (1916), o apelo às fontes, em Arriano, retrata o seu desejo de mostrar originalidade em seu relato. Ainda, que podemos assumir que Arriano adere, mais claramente do que Plutarco, à fraseologia de suas fontes, e que o seu julgamento é mais deliberado em alguns pontos. Como é o caso, por exemplo, do direcionamento de leitura que Arriano faz quando quer se referir à presença divina nos fatos que narra.

O autor diz que, de qualquer maneira, não se pode afirmar com certeza sobre a fraseologia. A rejeição de Arriano à história da Rainha das Amazonas, baseada num material também utilizado por Plutarco, é um bom exemplo da sua atitude em relação a alguns elementos na história de Alexandre (Steele, 1916).

A narrativa de Arriano não pode ser considerada absolutamente independente da de Plutarco. O apelo aos recursos, na *Anábase*, num número razoável de instâncias, aponta o desejo de Arriano em estabelecer uma peça de originalidade, divergindo de Plutarco.

Um fator comum entre os dois autores – a despeito da diferença de gêneros dos seus relatos – é o uso das *Efemérides* e das *Cartas de Alexandre* para tratar da morte de Alexandre:

Além disso, nos diários da corte, há registros das particularidades de sua doença. No décimo-oitavo dia do mês de Désio, ele dormiu no banheiro por estar com febre. No dia seguinte, depois de ter tomado banho, ele foi para o quarto de dormir e passou o dia jogando dados com Médio. Então, quando já era tarde, ele tomou banho, fez seus sacrifícios aos deuses e comeu um pouco; passou a noite com febre. No vigésimo dia, depois de banhar-se novamente, ofereceu seus sacrifícios costumeiros e, deitado no quarto de banho, se entreteve com Nearco, ouvindo um relato de sua viagem e do grande mar. O vigésimo-primeiro dia ele passou da mesma maneira e sua febre foi muito alta. Então, teve sua cama removida e deitou junto à grande banheira, onde conversou com seus capitães sobre os postos vagos no exército e como eles deveriam ser preenchidos com homens experientes. No vigésimo-quarto dia sua

febre foi violenta e ele teve que ser carregado para fazer seus sacrifícios. Ordenou aos oficiais mais graduados que ficassem na corte e aos comandantes de batalhões e companhias que passassem a noite do lado de fora. Ele foi carregado para o palácio da outra margem no vigésimo-quinto dia, e tirou um cochilo, mas a febre não diminuiu. Quando seus oficiais se colocaram ao lado de sua cama, ele estava sem voz, como estaria no vigésimo-sexto dia. Por isso, os macedônios acreditaram que ele estivesse morto, e vieram berrar às portas do palácio, ameaçando os Companheiros até que abrissem as portas a eles, que estavam sem manto. Nesse dia, Píton e Seleuco foram enviados ao templo de Serápis para consultar se deveriam levar Alexandre para lá; o oráculo respondeu que deveriam deixá-lo onde estava. E no vigésimo-oitavo dia, ao entardecer, ele faleceu. (Plutarco, 76)

Isso estava escrito nos diários reais; e seus soldados desejavam vê-lo, alguns, que puderam vê-lo ainda vivo, e outros que, desde que foi anunciada a sua morte, porque eles suspeitaram que sua morte estava sendo ocultada pelos guarda-costas – ao menos, penso eu; e a maior tristeza e desejando ver Alexandre. Dizem que ele já estava sem fala quando passou em revista; ele agradeceu um a um, levantando sua cabeça com dificuldade, e os olhando nos olhos. E os diários reais dizem que no templo de Serápis houve uma vigília durante a noite, mantida por Píton, Átalo, Demofón e Peucestas, com Cleomenes, Menidas e Seleuco indagando ao deus se seria melhor levar Alexandre ao templo e se, depois das orações, receberia a cura do deus; mas através de um oráculo o deus disse que ele não deveria ser levado ao templo, mas que seria melhor ele ficar onde estava. Os Companheiros anunciaram isto; e pouco tempo depois, Alexandre deu seu último suspiro; depois de tudo, foi a melhor coisa que aconteceu. O que aconteceu depois disso, nem Ptolomeu nem Aristóbulo registrou. Alguns, de qualquer modo, escreveram que os Companheiros perguntaram a ele a quem deixaria o reino; e ele respondeu “para o melhor”; outros relatam que ele disse isso e também que houve um grande torneio em homenagem à sua morte. (Arriano, VII, 26)

Comparando os dois relatos sobre a morte de Alexandre, vemos que ambos fazem uso dos diários reais para embasar o que narram. Os dois excertos acima são exemplares para a afirmação que fizemos anteriormente, sobre a diferença entre os estilos: apesar de fazerem uso da mesma fonte – os diários reais –, os dois autores fazem relatos totalmente diferentes sobre a morte de Alexandre.

Plutarco, ainda que seja biógrafo, preocupa-se em falar sobre o dia-a-dia e as atividades de Alexandre até sua morte, procedimento de transcrição literal de fonte, mais correntemente esperado no relato de um historiador. As poucas coisas que fala sobre os soldados e comandantes são narradas, também, para se referir às atividades diárias do general. Mesmo no final do relato, quando Alexandre está prestes a morrer, o autor se preocupa em mostrar as reações pessoais dos macedônios.

Arriano, por sua vez, faz um relato muito menos passional de Alexandre, focando-se nas reações do exército e reiterando o caráter militar de sua obra, citando, inclusive, os Companheiros e as decisões que foram tomadas por eles depois da morte de Alexandre.

Outra base de comparação pode ser retirada dos parágrafos VII, 11 de Arriano e 62 de Plutarco, onde temos o relato de quando os soldados macedônios se recusam a fazer a travessia do Rio Ganges e da retirada de Alexandre para sua tenda por três dias. Com o intuito de demonstrar somente o caráter de Alexandre, Plutarco diz, de maneira sucinta:

Primeiramente, Alexandre aquietou-se em sua tenda, desalentado e colérico, e ficou lá, sentindo desespero e nenhuma gratidão pelo que já havia conquistado, e isso não mudaria a menos que atravessasse o Ganges; considerava a retirada como uma confissão de derrota. Mas os Companheiros consolavam-no e os soldados, amontoados em sua porta, imploravam com lamentos e gritos, até que ele abrandou e começou a levantar acampamento, recorrendo a muitos engenhos falaciosos e desonestos para salvaguardar sua fama.

Arriano, por sua vez, diz:

Depois de dizer isso, ele saltou da tribuna rapidamente e entrou para os aposentos reais. Não cuidou do corpo e não foi visto por nenhum dos Companheiros. Também no dia seguinte não foi visto. Mas no terceiro dia, depois de convocar, dentre os Persas, os escolhidos, determinou a disposição do comando e indicou quantos fossem os próximos e a eles só permitiu beijarem-no. Os Macedônios, espantados no momento, depois de ouvir às palavras dele, postaram-se, em silêncio, próximos à tribuna, e ninguém seguiu o rei, que se afastava, senão os Companheiros e também os guarda-costas. A maioria, ficando ali, não tinha nada a fazer ou dizer, nem desejava se afastar.

(...)

Depois de correrem para os aposentos reais, lançaram as próprias armas diante das portas, suplicando ao rei. Ficaram gritando frente às portas, implorando para entrar. Queriam entregar os causadores da revolta e iniciadores do tumulto. Por isso, não se afastaram da porta nem de dia nem de noite até que Alexandre tivesse pena deles. Como isso foi-lhe anunciado, saiu com pressa e, depois de vê-los submissos e ouvir a lamentação e os gritos de todos, cai, também, em prantos. E passou em revista, como para questionar algo, enquanto eles permaneciam aflitos.

Finalmente, vimos que o relato de Plutarco é feito não de maneira a se tornar uma fonte de onde podemos retirar elementos que contribuam para a construção do caráter de Alexandre como um general, ao contrário da obra de Arriano, que não se preocupa tanto em mostrar os vícios do rei, mas em engrandecer suas virtudes e construir a imagem do general perfeito.

O relato de Plutarco serve muito mais como uma fonte para a personalidade e Alexandre do que para suas táticas e excursões militares. Mesmo quando fala dos soldados, a intenção de Arriano é mostrar como Alexandre comandava seu exército e como eles agiam sempre em favor de seu comandante.

Podemos afirmar, portanto, que as diferenças de estilo entre Plutarco e Arriano são decisórias para que enquadremos o primeiro no gênero da biografia e o segundo

no gênero da narrativa historiográfica, pois se aproxima mais do que faz, por exemplo, Tucídides, Heródoto e, além destes, o modelo de Arriano para a construção de sua própria *Anábasis*: Xenofonte.

3. A OBSTINAÇÃO DE ALEXANDRE

Os excertos aqui contemplados para ilustrar a obstinação de Alexandre são dois em cada autor: Arriano, VII, 11 e 14 e Plutarco, 62 e 72. Na primeira cena (VII, 11 em Arriano e 62 em Plutarco), temos o relato de quando Alexandre retira-se para sua tenda durante três dias por ter sido contrariado pelos soldados macedônios, que não quiseram atravessar o Rio Ganges para invadir a Índia após a guerra contra a cidade do rei Poro. Já na segunda (VII, 14 em Arriano e 72 em Plutarco), temos a morte de Heféstion e a reação de Alexandre a este acontecimento.

Assim como Aquiles, em *Ilíada*, I, 306-7, Alexandre retira-se para sua tenda por ter sido contrariado:

*Para as cabanas e as naus iguais vai o Peleide,
juntamente com Pátroclo e os companheiros.*

Depois de dizer isso, ele saltou da tribuna rapidamente e tendo entrado para os aposentos reais, não cuidou do corpo e não foi visto por nenhum dos Companheiros (Arriano, VII, 11).

Primeiramente, Alexandre aquietou-se em sua tenda, desalentado e colérico, e ficou lá, sentindo desespero e nenhuma gratidão pelo que já havia conquistado (Plutarco, 62).

Depois disso, também como o Pelida, fica alguns dias – no caso de Alexandre, três (Arriano, VII, 11) – afastado de todos, até que uma embaixada dos Companheiros vá a ele implorar com lamentos e gritos.

Segundo Burn (1965) Alexandre era o homem à frente de seu próprio exército e, com seus ensinamentos, fez com que os soldados macedônios se sentissem moralmente superiores a qualquer outro e, além disso, sempre tomou qualquer problema impossível de ser resolvido como desafio pessoal. Exatamente essa característica que talvez seja a explicação para a obstinação de Alexandre.

No segundo parágrafo da biografia de Alexandre, Plutarco o define como sendo descendente de Aquiles, via Neoptólemo – filho do Pelida e de Deidamia. Pensando na afirmação do biógrafo, lembramos de Arriano dizendo em VII, 14, que Alexandre emulava Aquiles por ambicionar sê-lo desde a infância.

Nos passos analisados, vemos que Alexandre sempre fora persistente e apegado excessivamente às suas convicções e empreendimentos, assim como Aquiles. Esta pode ser uma possível explicação da ambição apontada por Arriano.

Para ilustrar a obstinação de Alexandre, temos, por exemplo, o episódio da chegada do cavalo Bucéfalo (Plutarco, 6), o qual consegue domar em detrimento de todos os outros macedônios e de seu próprio pai, Filipe.

Além desse, há outras dezenas de episódios, como os de batalhas ou mesmo o episódio visto em Plutarco, 14, onde, ao indagar a pitonisa chefe de Delfos por um oráculo sobre a expedição contra a Pérsia, tem como resposta “Filho, ninguém pode contigo”. Ao encontrar o profeta de Âmon, pergunta se lhe era dado tornar senhor da humanidade, ao que o deus responde que lhe outorgava aquele poder (Plutarco, 27).

Assim, vemos que Alexandre era, conforme apontamos, realmente obstinado e apegado às suas ideias, convicções e empreendimentos.

3.1. O alter-ego de Alexandre

Aquele que faz o papel de Pátroclo na história de Alexandre, ou seja, Heféstion, mostra que, assim como o Menecida está para Aquiles, ele é contraparte do general, tendo o mesmo comportamento inconseqüente que ele teria, e, apesar de não ser explicitado nem por Plutarco e nem por Arriano, acreditamos que o

comportamento de Heféstion pode ser comparado ao de Alexandre, por conclusões que podem ser tiradas do próprio relato de Plutarco (72) sobre o comportamento do *philos* de Alexandre:

Calhou de Heféstion ter uma febre naquele dia. Como era um jovem soldado, não tinha um modo de vida bem regrado. Enquanto o médico Gláucia ia para o teatro, sentiu-se melhor, comeu frango ensopado e bebeu uma grande taça de vinho. Sentiu-se mal e em pouco tempo morreu.

Apesar de não termos nada que explicitamente nos leve a concluir de maneira direta que o comportamento de Heféstion era inconsequente e desregrado como o de Alexandre, em Arriano temos:

Neste momento, Heféstion adoeceu. Já era o sétimo dia de sua doença e dizem que o estádio estava cheio, pois naquele dia era o concurso de ginástica juvenil. Quando foi anunciado a ele que Heféstion estava mal, Alexandre rapidamente foi para junto dele, mas não mais o encontrou vivo.

Curiosamente, no mesmo parágrafo, Arriano nos dá uma frase que pode corroborar a afirmação que fizemos acima, sobre o comportamento de Alexandre:

Em Ecbátana, Alexandre fez um sacrifício, como ele normalmente fazia após ser bem-sucedido; realizou um concurso de ginástica e de poesia e, depois disso, bebeu com os Companheiros.

Tal como Pátroclo, Heféstion age inconsequentemente. Enquanto aquele não obedece às ordens e aos conselhos de Aquiles, o segundo, de acordo com o que é narrado por Arriano, bebe inconsequentemente, sem se importar com sua doença.

Assim, vemos que há, também, coincidências no comportamento dos *filoi* e na maneira como sua morte é narrada, além das reações de Aquiles e Alexandre

serem parecidas, inconseqüentes e desmedidas, apesar do conceito de *hýbris* não estar explicitado nos contextos das obras.

3.2. A emulação da dor

Durante a narração da morte de Heféstion, não vemos em Plutarco a riqueza de detalhes sobre a reação de Alexandre que temos em Arriano. Estranhamente, o biógrafo, que é o que mais detalha o comportamento de Alexandre, narra pouca coisa sobre a reação do general à morte de seu *phílos* (72):

Contam do sofrimento que Alexandre vivenciou e que ele ordenou que cortassem imediatamente as crinas de todos os cavalos e mulas, por luto; tomou as muralhas das cidades ao redor, crucificou o miserável médico, fez parar todas as flautas e as músicas no acampamento por muito tempo, até que viesse um oráculo de Amon, ordenando que, em honra de Heféstion, [Alexandre] sacrificasse a ele como a um herói. [Alexandre] foi para a batalha como consolo do luto e saiu para perseguir homens como se fossem animais selvagens; foi para a Cosséia e destruiu [a cidade], decapitando todos os jovens.

Arriano, por sua vez, explicita muito o sofrimento de Alexandre (VII, 14):

Exatamente sobre isso, outros escreveram muito, sobre a dor de Alexandre, que sua dor se tornou muito grande. Cada escritor escreveu uma coisa sobre o que Alexandre fez, conforme tinha simpatia ou malevolência a respeito de Heféstion ou do próprio Alexandre.

Dos que escreveram sobre os excessos, parece-me que uns julgaram elogiar Alexandre relatando quanto ele disse ou fez em meio à extrema dor por aquele que era, dentre todos os homens, o mais amado; outros consideraram muito vergonhoso e indecoroso de um rei e de Alexandre, enquanto outros dizem que ele, na maior

parte daquele dia, ficou debruçado sobre o corpo do companheiro, lamentando, e não desejava separar-se dele, até que, à força, foi retirado pelos Companheiros. Outros dizem que ele ficou debruçado sobre o corpo durante todo o dia e toda a noite. E outros também dizem que ele enforcou o médico Gláucia e isso por uma substância administrada erroneamente; alguns dizem que Alexandre o viu farto de vinho. Que Alexandre tenha cortado os cabelos sobre o morto, eu digo que não é inverossímil, já que tinha o desejo de emular Aquiles, o qual ambicionava ser desde a infância.

É importante observar o relato de Arriano, mostrando a grande dor de Alexandre face à morte de Heféstion, pois corrobora a visão de um Alexandre obstinado na dor, tal qual Aquiles nos Cantos IX e XVIII.

Se lembrarmos da definição para a obstinação de Aquiles que vimos no Capítulo 1, temos que o herói é extremamente persistente em suas idéias e resoluções, assim como vemos em Burn, quando o autor afirma que Alexandre “sempre tomou qualquer problema denotado impossível como desafio pessoal” (1965, p. 140).

Cotejando os textos do *corpus* com a afirmação de Burn, portanto, podemos dizer que Alexandre, por ter o mesmo comportamento que Aquiles, é obstinado como o herói e que Arriano não estava errado ao afirmar que Alexandre “tinha o desejo de emular Aquiles, o qual ambicionava ser desde a infância” (VII, 14).

Nesse sentido, segundo Mossman, “a dor de Alexandre pela morte de Heféstion retoma irresistivelmente a dor de Aquiles pela morte de Pátroclo: a destruição dos cosseus é um *enagismós* pela sombra de Heféstion, lembrando o ‘sacrifício humano’ de Aquiles em *Ilíada*, XXIII, 175-7. Aqui há ainda um exemplo de uma reminiscência épica para desenvolver o lado obscuro de Alexandre” (1988, p. 91), que, segundo o autor diz no início de seu texto, é aflorada pela ingestão de bebidas alcoólicas.

3.3. Análise comparativa

Conforme foi visto no Capítulo anterior e desenvolvido no presente, os retratos de Alexandre em Plutarco e Arriano nos mostram que ele sempre fora apegado às suas idéias e convicções, assim como Aquiles. O episódio da morte de Heféstion talvez seja o melhor para demonstrar essa afirmação.

Numa aproximação ainda maior do mito, temos o evento da morte de Heféstion, quando Alexandre mata o médico Gláucia que “deixou” seu *phílos* morrer, extermina uma cidade inteira (VII, 15) como meio de consolação e corta os próprios cabelos junto ao corpo do *phílos* (VII, 14), assim como Aquiles fez em *Ilíada*, XXIII, 140-2. Em termos comparativos, apontaremos algumas passagens que mostram a semelhança das reações, de Aquiles e de Alexandre, respectivamente:

- 1) A retirada para as cabanas (*Ilíada*, I, 306-7; Arriano, VII, 11 e Plutarco, 62):

*Para as cabanas e as naus iguais vai o Pelida,
Juntamente com Pátroclo e os Companheiros.*

Depois de dizer isso, ele saltou da tribuna rapidamente e entrou para os aposentos reais. Não cuidou do corpo e não foi visto por nenhum dos Companheiros.

Primeiramente, Alexandre aquietou-se em sua tenda, desalentado e colérico, e ficou lá, sentindo desespero e nenhuma gratidão pelo que já havia conquistado.

Nesses trechos, temos a retirada de ambos para suas tendas. No primeiro, Aquiles retira-se para sua cabana. No segundo e terceiro, é a vez de Alexandre, que mostra a mesma reação do Pelida, com a pequena diferença de estar sem os Companheiros.

- 2) A Embaixada (*Ilíada*, IX, 300-3, IX, 496, IX, 639-42; Arriano VII, 11 e Plutarco, 62):

*Mas se caso o Atrida é, para ti, profundamente detestável,
Assim como seus presentes, tens piedade, por outro lado, dos Panacaios
Do exército angustiado, que te vingarão como a um deus
Pois com eles tu elevarias tua glória muito alto.*
(*Ilíada*, IX, 300-3)

Mas, Aquiles, doma teu ânimo.
(*Ilíada*, IX, 496)

*Faz-te de ânimo propício
Respeita tua casa. Estamos debaixo do teu teto,
Saídos da multidão de Dânaos, desejando que sejamos
Mais merecedores de cuidados e mais amigos, nós quanto somos Aqueus.*
(*Ilíada*, IX, 639-42)

Os Macedônios, espantados no momento, depois de ouvir às palavras dele e postaram-se, em silêncio, próximos à tribuna, e ninguém seguiu o rei, que se afastava, senão os Companheiros e também os guarda-costas. A maioria, ficando ali, não tinha nada a fazer ou dizer, nem desejava se afastar. (...) Depois de correrem para os aposentos reais, lançaram as próprias armas diante das portas, suplicando ao rei. Ficaram gritando frente às portas, implorando para entrar (Arriano, VII, 11).

Mas os Companheiros consolavam-no e os soldados, amontoados em sua porta, imploravam com lamentos e gritos (Plutarco, 62).

Temos nessas cenas da *Ilíada* a Embaixada e os argumentos dos Aqueus para que Aquiles aceitasse voltar para a guerra. Em Arriano e Plutarco, temos a reação dos Macedônios à retirada de Alexandre e, conforme já mostramos, os dois relatos se

diferenciam entre si. Plutarco, que em toda sua obra prestigia informações sobre o comportamento de Alexandre, opta por fazer um retrato mais enxuto do general nesse momento, resumindo-o ao que diz ser chamado de “sacrifício expiatório de Heféstion”:

Contam do sofrimento que Alexandre vivenciou e que ele ordenou que cortassem imediatamente as crinas de todos os cavalos e mulas, por luto; tomou as muralhas das cidades ao redor, crucificou o miserável médico, fez parar todas as flautas e as músicas no acampamento por muito tempo, até que viesse um oráculo de Amon, ordenando que, em honra de Heféstion, [Alexandre] sacrificasse a ele como a um herói. [Alexandre] foi para a batalha como consolo do luto e saiu para perseguir homens como se fossem animais selvagens; foi para a Cosséia e destruiu [a cidade], decapitando todos os jovens. Isso foi chamado de “sacrifício expiatório a Heféstion”.

Arriano, como já foi dito, detalha o sofrimento de Alexandre, descrevendo sua reações: à notícia, ao ver o corpo de seu *phílos*, ao confrontar o médico Gláucia; além disso, narra as decisões do general a respeito da morte de Heféstion.

A diferença evidente entre a narração épica e os relatos de Plutarco e Arriano é que, na *Ilíada*, apesar do apelo ao *páthos*, temos uma argumentação mais retórica – não é sem objetivo a presença de Odisseu –, enquanto nos relatos sobre Alexandre, não há esse tipo de argumentação, mas somente o apelo ao *páthos*.

- 3) A reação à morte do *phílos* (*Ilíada*, XVIII, 18-27, XXIII, 140-2; Arriano, VII, 14 e Plutarco, 72):

*“Ai que sofrimento, filho do corajoso Peleu!
De más e dolorosas notícias devo informar-te:
Jaz Pátroclo, e lutam ao redor do cadáver nu,
Do qual Heitor, o de elmo brilhante, possui as armas”.*
*Assim falou [Antíloco] e uma nuvem negra de dor o eclipsou [Aquiles].
Com as duas mãos toma cinzas*

*E lança sobre a cabeça, desairando a bela face;
Sujou a nectárea e extenuada túnica com fuligem.
Caído no pó, estendido, muito grande e espaçoso,
Arrancando os cabelos.
(Ilíada, XVIII, 18-27)*

*Mas então o divino Aquiles, de pés ligeiros,
De pé ante a pira cortou a loura e abundante cabeleira,
Que nutria para o rio Espérquio.
(Ilíada, XXIII, 140-2)*

Que Alexandre tenha cortado os cabelos sobre o morto, eu digo que não é inverossímil, já que tinha o desejo de emular Aquiles, o qual ambicionava ser desde a infância.

Do exposto, temos que Alexandre realmente *emula* Aquiles, conforme Arriano diz em VII, 14. Seu comportamento é excessivo e extremamente persistente e, além disso, sua cólera – que vemos nas cenas selecionadas no *corpus* – é durativa e poderia ser denominada nos termos utilizados no Capítulo 1 para Aquiles.

4. CONCLUSÃO

Este trabalho pretendeu apresentar um estudo sobre algumas formas de obstinação em Aquiles e Alexandre e, num caráter específico, tratar sobre os retratos deste último em Plutarco e Arriano.

Apesar do foco, tentamos mostrar relações pouco desenvolvidas pelos estudiosos, seguindo o exemplo de Swain (1988), Rabel (1990), Nagy (1991) e André Malta (2006), a fim de estabelecer paralelos entre a figura de Aquiles e outras

personagens de grande importância no contexto da *Ilíada*: Apolo, Heitor, Pátroclo e Meleagro.

Também tentamos entrever uma possibilidade de tradução do termo *mênis*, apontando que tal termo não pode ser vertido simplesmente por “ira”, já que não é um sentimento repentino, mas duradouro.

No início do projeto que deu origem à presente pesquisa, pretendíamos apresentar uma tradução do termo *mênis* para “obstinação”. Mas, como sugerem Joachim Latacz (2001) e Gregory Nagy (1991), tal termo não compreenderia o sentimento de ira. Nenhum termo pode subsistir sem o outro. Surge, então, a alternativa apontada por Odorico Mendes (2008, “Notas”, p. 874), de que nosso termo “ira”, desacompanhado, não verte *mênis* cabalmente, conforme o que apontávamos desde o início deste projeto.

No sentido de ira e de obstinação, criamos um paralelo com a figura de Alexandre, mostrando que o general tem o mesmo sentimento que Aquiles, porém não no sentido de ser provocado por uma pessoa e um ato específico, mas sim em seu próprio comportamento diário, como podemos ver nos relatos de Plutarco e Arriano.

Antes de ir aos relatos, entretanto, apresentou-se a necessidade de diferenciar os relatos dos dois autores. O próprio Plutarco diz, em seu prefácio à biografia de Alexandre, que “não escreve histórias, mas biografias” e seu relato não foi feito para recordar todos os grandes feitos do general, mas sim, através de sua narrativa, construir o caráter de Alexandre, mostrando seus vícios e virtudes.

A narrativa de Arriano, por sua vez, é praticamente um manual de táticas militares do exército macedônio, descrevendo minúcias das batalhas, a fim de construir o retrato de Alexandre como um grande general e escrever uma história condizente com sua grandeza, como o vemos dizer em I, 12.

A imagem de Alexandre foi exaustivamente estudada por diversos autores da Antiguidade. Cada obra, com seu enfoque, tentou narrar a vida de Alexandre, militar ou pessoal. Algo que vemos, tanto em Plutarco como em Arriano, autores contemplados neste trabalho, é a obstinação de Alexandre.

Desde o início do relato de Plutarco vemos tal característica, como, por exemplo, no episódio em que Alexandre doma Bucéfalo, ato que nem seu pai, Filipe, conseguiu. Daí em diante, até o fim dos dois relatos, vemos, nas cenas de batalha, o caráter excessivo de Alexandre.

Duas cenas em especial, a da retirada do general para suas tendas após uma pequena discussão com o exército por não quererem atravessar o rio Ganges e a da reação de Alexandre à morte de Heféstion, nos mostram claramente os excessos de Alexandre. Nessa última, em especial, temos uma *emulação* da reação de Alexandre à morte de Pátroclo.

Após as evidências destacadas no decorrer do trabalho, tem-se uma ligação que extrapola os prováveis laços de sangue existentes (conforme a lenda transmitida por Plutarco, *Alexandre*, 2) entre Aquiles e Alexandre. Vemos que Alexandre realmente espelhava-se em Aquiles não somente pela tradição desse herói, cujo *kléos* é eterno, ser um exemplo de guerreiro a ser seguido, de acordo com o relato de Arriano. Alexandre tem o mito não só como espelho ou um modelo, mas como algo a ser superado, como um desdobramento do conceito de *dzélon* (emulação), apontado por Arriano (VII, 14).

Plutarco e Arriano apropriam-se do paradigma aquilético a fim de construir, respectivamente, 1) o caráter de Alexandre através de suas ações e 2) o retrato de um comandante excelente.

Com base neste relato e no que apresentamos, podemos fazer algumas afirmações: 1) a comparação entre as personagens mitológica e histórica é viável e adequada; e 2) que Aquiles sempre fora modelo da *areté* (“excelência guerreira”) para os gregos, inclusive para Alexandre Magno, que, além de viver de forma a emular o herói homérico, de acordo com o relato de Arriano, teve seus feitos narrados de forma a perpetuar seu nome, tal qual a personagem mitológica, por um autor que afirma que “não há nenhum outro indivíduo, entre os helenos ou bárbaros, que tenha dado provas de tão grandes e tão importantes feitos, pelo número e pela magnitude.” E isso (...) é o que incentivou Arriano a escrever sua obra, apesar de sua

afirmação de que não se julga digno de tornar conhecidos aos homens os feitos de Alexandre (Arriano, I, 12).

É importante lembrar que os relatos contemplados neste trabalho foram escritos cerca de cinco séculos depois da morte de Alexandre (século IV a.C., 323 a.C.), e que os fatos narrados podem ter sido influenciados, além dos autores que formam suas fontes declaradas, por lendas existentes à época.

Portanto, também acabamos por nos aproximar, de certo modo, do Alexandre que, construído pelos relatos históricos, serviu como base para aplicação do modelo aquilêico de excelência e de construção de um *kléos* que se perpetua e faz com que, hoje, mais de vinte séculos depois, ainda existam estudos sobre sua figura que, certamente, nunca deixará de ser alvo de trabalhos, conforme nos induz a pensar o encerramento da *Anábasis*:

Quem quiser falar mal de Alexandre, que fale, não só mostrando o que merece ser denegrido, mas reunindo tudo que Alexandre fez num conjunto; primeiramente deixe-os julgar-se a si, sua própria personalidade, sua própria fortuna, e então, por outro lado, Alexandre, o que ele se tornou e o tamanho da prosperidade que ele alcançou, tendo se tornado rei de dois continentes e espalhado seu nome durante o maior tempo possível. Deixe-os condená-lo, sendo eles mesmos menores, sofrendo e não conseguindo resolver nem os pequenos problemas. Eu mesmo acredito que não havia naquele tempo nenhuma raça humana, cidade ou pessoa que o nome de Alexandre não tenha alcançado. E também não consigo supor que um homem bem melhor que todos os outros tenha nascido sem influência divina.

BIBLIOGRAFIA

- ARRIAN. *Anabasis Alexandri*. With an English translation by E. Iliif Robson. The Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1958, 446p.
- BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris : Hachette, 1950, 2200 p.

- BURN, A. R. The generalship of Alexander. *Greece & Rome*, Cambridge, v. 12, n. 2, Alexander the Great, p. 140-54, 1965.
- CHANTRAINE, P. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque. Histoire des Mots*. 4v. Paris: Éditions Klincksieck, 1968-1980.
- HAMMOND, N. G. L. Sources for Alexander the Great: Na analysis of Plutarch's *Life* and Arrian's *Anabasis Alexandrou*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- KONSTAN, D. *A Amizade no Mundo Clássico*. Trad. de Márcia Epstein Finker. São Paulo: Odysseus, 2005, 289p.
- LATACZ, J. *Homer: his art and his world*. Translated by James P. Holoka. Michigan: The University of Michigan Press, 2001, 175p.
- RABEL, R. Apollo as a Model to Achilles. *The American Journal of Philology*. Baltimore, v. 111, n° 4, p. 429-440, 1990.
- LIDDELL, H.G. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon, 1897, 1776p.
- MALTA, A. *A Selvagem Perdição: erro e ruína na Ilíada*. São Paulo: Odysseus, 2006, 422p.
- MOSSMAN, J.M. Tragedy and Epic in Plutarch's *Alexander*. *Journal of Hellenic Studies*, London, vol. 108, p. 83-93, 1988.
- NAGY, G. *The Best of Achaeans: concepts of the hero in archaic Greek poetry*. Baltimore and London: The John Hopkins University Press, 1991, 392p.
- PLUTARCH. *Plutarch's Lives*. With an English translation by Bernadotte Perrin. The Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1958, 623p.
- RABEL, R. Apollo as a Model to Achilles. *The American Journal of Philology*. Baltimore, v. 111, n° 4, p. 429-440, 1990.
- STEELE, R.B. Plutarch' "Alexander" and Arrian's "Anabasis". *Classical Philology*, vol. Cambridge, 11, n° 4, p. 419-425, 1916.
- _____. The Method of Arrian in the *Anabasis*. *Classical Philology*, Cambridge, vol. 14, n° 2, p. 147-157.

SWAIN, S. C. R. A Note on *Iliad* 9.524-99: The Story of Meleager. *The Classical Quarterly*, New York, v. 38, n° 2, p. 271-6, 1988.

WATKINS, C. A propos de MHNIS. *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, Paris, n° 72, p. 11-26, 1977.



Recebido para publicação em Junho de 2009
Aprovado para publicação em Setembro de 2009